

AS MENINAS E OS DIRETORES: A VOZ EXPRESSA NAS ENTREVISTAS

Aluno: Lucas Lodi

Orientador: Angeluccia Bernardes Habert

Introdução

Esta comunicação faz parte do projeto *Imagens e representação da realidade: realização do filme documental hoje, enfocando dois filmes sobre meninas do Rio*.

Objetivos

A entrevista é uma relação de troca entre entrevistador e entrevistado, com uma relação de poder desigual. Nos filmes, essa relação pode ter um caráter testemunhal quando o depoimento é utilizado como argumento para a discussão de um tema; ou agregar um valor confessional quando o entrevistado expressa seus desejos e seus sonhos. Através da seleção dos ângulos de filmagem, das perguntas e das respostas que entrarão no filme, o diretor está, entretanto, sempre no controle – ao realizar a montagem.

Metodologia

Dois filmes, dois diretores, a mesma cidade, temas levemente parecidos, 11 anos de diferença e duas realidades fílmicas completamente diferentes. *Meninas do Rio (1991)*, de Sérgio Goldenberg e *Meninas (2002)*, de Sandra Werneck, têm algumas semelhanças e importantes diferenças, que podemos notar na relação do entrevistador com o entrevistado, dos diretores com as meninas. Esse é o foco desta pesquisa.

Conclusões

Vale lembrar a diferença entre os contextos históricos em que os filmes foram feitos. O avanço da tecnologia dos equipamentos portáteis de captação de imagem e áudio possibilita, nos anos 2000, filmes tecnicamente capazes de serem veiculados nos cinemas e na televisão. Filmes como *Santo forte (1999)* e *Edifício Máster (2002)*, ambos realizados por Eduardo Coutinho, também ajudaram a popularizar o documentário nas salas de cinema. Assim, o filme de Sandra Werneck possui uma preocupação técnica e comercial muito maior do que o filme de Sérgio Goldenberg.

Em *Meninas do Rio*, o diretor conversa com as meninas entrevistadas, busca respostas, suas perguntas aparecem recorrentemente. Apesar de não aparecer em quadro, sua presença é continuamente sentida no filme. O que se vê é o diretor e as entrevistadas íntimos, conversando, se conhecendo. Ele deixa as meninas falarem sobre e por si mesmas. Elas não são identificadas por subtítulos, se apresentam no início do filme, olhando para a câmera, como se a lente fosse um espelho. Através dessa película transparente elas contam ao espectador como se vêem. Elas falam sobre sua vida, suas escolhas, seus sonhos e seus planos para o futuro. Filmando-as sempre de frente, o diretor inclui o espectador na conversa, estabelecendo o eixo espectador-câmera- realizador.

A presença de Sandra Werneck não é sentida em *Meninas*. A diretora parece ter a intenção de não intervir. Suas perguntas não aparecem e sua voz nunca é escutada sozinha, sempre aparece por cima da fala da entrevistada, como uma sujeira que não foi possível limpar. Todos os entrevistados são identificados através de subtítulos. A maior parte das

tomadas é de lado, o que contrasta com as tomadas frontais de *Meninas do Rio*. A diretora utiliza as entrevistas para falar sobre um problema: a gravidez precoce na adolescência. Não há diálogo entre a diretora e as meninas, ela parece tomar a posição de uma autoridade, narrando com a câmera.

Apesar de 11 anos mais novo, o filme *Meninas* é um documentário com características de documentários mais “clássicos”, que tinham como elemento principal a apresentação de um problema, utilizando narrações ou cartelas, para depois mostrar a solução ou ensinando como não agir. Inicialmente, a proposta de Werneck não parece ser esta, pois o filme tem como base entrevistas. No entanto, a tentativa de esconder a intervenção através da ausência aponta uma maior imposição. Em uma relação vertical, a diretora nos apresenta uma história com início, meio e fim, complementada por cartelas, onde se tenta transmitir a idéia de que tudo ocorreria igualmente caso a câmera não estivesse gravando e a equipe não estivesse lá.

Meninas do Rio trabalha com elementos mais participativos, como o *cinema verdade* de Jean Rouch, resgatado em filmes atuais. O elemento mais claro é a interação entre Sérgio Goldenberg e as meninas, como quando elas o chamam por apelidos, como “tinho”. Outro aspecto importante é que o diretor permite, através do microfone, que as meninas entrevistem outras pessoas, como um turista suíço em Copacabana, sobre a situação das meninas de rua. Goldenberg está no controle, operando a câmera, mas divide esse controle com elas ao deixar que elas escolham quem entrevistar e as perguntas a serem feitas. Finalmente, a falta de linha temporal e espacial ajuda a caracterizar o filme como uma conversa espontânea.

Referências

- 1 – BARNOUW, Eric. **Documentary**. New York: Oxford University Press, 1993
- 2 – DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue, 2002
- 3 – NICHOLS, Bill. **Introduction to Documentary**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2001.